

# HISTÓRIA E IMPRENSA: MANIFESTAÇÕES DA CENSURA NOS JORNAIS TERESINENSES NA DÉCADA 1970<sup>1</sup>

Jonatas Lincoln Rocha FRANCO<sup>2</sup>  
Francisco de Assis de Sousa do NASCIMENTO<sup>3</sup>

## 1 Introdução

O presente artigo é fruto de parte da nossa experiência de pesquisa no Programa de Iniciação Científica Voluntária (ICV) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), onde nos propomos a pesquisar as produções de intelectuais que atuaram na imprensa piauiense como chargistas na década de 1970, analisando principalmente jornais *O Dia* e *O Estado*, entre outros, para entrarmos em contato com as charges produzidas no período e fazer uma análise das mesmas, buscando percebê-las como um elemento político e cultural propiciador de múltiplas representações e significados.

O que nos levou a analisar foram às diversas possibilidades de utilizar a charge como documento histórico, visando entender como a charge pode ampliar a compreensão sobre determinado período da história piauiense e percebemos nelas esta possibilidade de criticidade, do uso das táticas, da tentativa de driblar a censura e os agentes de repressão do Estado.

Buscamos dar voz, através da narrativa histórica, a sujeitos que mesmo em um período de censuras, proibições, prisões e torturas, encontraram na charge, no cartum e na arte uma possibilidade de lutar contra o sistema político que se justificando como uma contrarrevolução contra a ameaça comunista que assolava o Brasil e os países vizinhos, produzir uma ditadura que durou 21 anos.

Para tal intento nos cercamos de autores que já trabalham a relação entre a história e a imprensa no período da ditadura militar no Brasil, uma relação que por muito tempo não era muito bem vista pelos historiadores. Buscamos perceber esta relação entre História e Imprensa já que temos como fonte principal para a realização deste artigo as páginas de um

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Sessão de Comunicação Imprensa durante o Regime Militar, evento componente do Simpósio Nacional Ditadura Militar no Brasil.

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em História da UFPI/CSHNB, E-mail: [lincoln13-franco@hotmail.com](mailto:lincoln13-franco@hotmail.com)

<sup>3</sup> Professor Adjunto do Curso de Graduação em História da UFPI e do Programa de Pós-graduação em História do Brasil. E-mail: [franciscoufpi@gmail.com](mailto:franciscoufpi@gmail.com)

jornal de grande circulação na capital e nas principais cidades do interior. Tentamos compreender como se dava essa produção e consumo, se havia censura nos jornais teresinenses, e quais eram esses tipos de censura, como também analisar as possíveis construções de sentido e produção da realidade a partir da produção de charges ocorridas nesse período.

### **Nos caminhos dos arquivos orais e hemerográficos**

Além das leituras auxiliares sobre o tema, nos utilizamos de relatos orais do próprio chargista, essa entrevista elucidou diversas questões, e abriu caminho para inúmeras análises, reafirmando assim, a importância da utilização de relatos orais, para a construção de narrativas históricas nos utilizamos também de fontes hemerográficas, obtidas no Arquivo Público do Estado do Piauí. Ambos os documentos se constituem em maneiras de documentar a vida, tratando-se de arquivos, na medida em que, tal como lembra Jacques Derrida, estes tratam-se de lugares que designam, ao mesmo tempo, começo e comando (DERRIDA, 2001, p. 11). Nesse processo de construção de nossas narrativas, na operação de transformar “matéria bruta em arte”, parafraseando Cavalcanti, percebemos que os relatos orais, clarificam, elucidam momentos históricos a partir de um a recordação de memórias subjetivas do sujeito.

Enfatizamos, porém as dificuldades de se trabalhar com relatos orais. Trabalhar com a metodologia da história oral nos soou, num primeiro momento, e até hoje, como um desafio, pois como nos mostra Cavalcanti: “o trabalho com fontes orais exige o burilamento de certas sensibilidades por parte do historiador. A singularidade de sua gestação, as subjetividades mobilizadas e o diálogo gerador entre pesquisador e entrevistado não podem ser ignorados” (CAVALCANTI, CABRAL, 2013:23).

Todo esse “burilamento”, trabalhar os relatos orais com um extremo cuidado, se constitui como um desafio. Pois abordar esses “fenômenos da oralidade” é se desafiar e se fazer desafiado com questões que estão ligadas a um jogo de poder, a um lugar de fala do sujeito, e a subjetividade de como o mesmo ver os acontecimentos históricos que o cercavam em um determinado momento. Por isso todo um cuidado, e para além, toda uma importância e valorização desses relatos orais.

A história interessou-se pela “oralidade”, na medida em que ela permite obter e desenvolver conhecimentos novos e fundamentar análises históricas

com bases na criação de fontes inéditas ou novas. [...] fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos “outros”. (FERREIRA, AMADO, 2005:16, 17).

Como já foi dito, esse trabalhar com relatos orais nos surgiu como uma surpresa, uma vez que as nossas análises se davam a partir das fontes obtidas no Arquivo Público do Estado do Piauí. Contudo, os relatos orais do próprio indivíduo, produtor das charges, nos pareceu uma chave interpretativa de sua produção intelectual, já que as charges se constituem como um discurso, de análise subjetiva. O que nos ocorreu é que a presente entrevista serviu para além da interpretação das charges, mas, para entendermos melhor todo o contexto cultural, político e social em que essas charges eram produzidas, e em que viviam todos esses intelectuais, não somente no Piauí, mas em outras partes do Brasil.

Hoje a proposta metodológica da história oral é mais bem aceita e já faz parte do arsenal técnico-metodológico geral de um número cada vez maior de profissionais de história e outras disciplinares sociais afins. Já se reconhece a existência de uma tradição acadêmica em muitos lugares do mundo e mesmo em nosso país, em áreas onde se difundiram sistematicamente e se empreenderam modernos projetos de pesquisa cujo ponto de partida e cujo eixo principal foram a história oral. (FERREIRA, AMADO, 2005:17).

## **2 Entre o dizer e não dizer: a produção intelectual engajada contra a ditadura militar no Piauí na década de 1970**

A partir da análise das charges encontradas nas páginas dos jornais teresinenses na década de 1970, começamos a perceber que existiam elementos políticos que constituíam tais charges, se utilizando basicamente do humor os chargistas se expressavam politicamente. O nosso recorte espacial é o Piauí, mais especificamente a cidade de Teresina, mas, a partir de leituras auxiliares percebemos que:

Charges, caricaturas e cartuns desde que foram concebidos como tal podem ser utilizados como forma de manifestar uma crítica, ridicularizar um indivíduo, um grupo, ou mesmo um sistema político. Através do humor, o cartunista, o chargista ou o caricaturista expressa por meio da imagem, acompanhada ou não de texto, ou em tiras anedóticas, sua opinião acerca de um determinado tema, que lhe é caro. Esse tipo de arte pode ser também, uma resposta, uma defesa, e por que não, uma forma de resistência (NOGUEIRA, 2013: 2).

É sob esta perspectiva que analisamos as diversas charges encontradas nos jornais teresinenses, muitas vezes com o humor, o chargista instrumentalizava a resistência a partir da

charge. É necessário lembrarmos que desde o início do regime militar no Brasil, a censura à imprensa foi uma das primeiras e principais decisões tomadas pelo alto escalão dos militares que governavam o país, já que a imprensa poderia ter um papel subversivo, e essa subversão tinha que ser evitada a todo custo, nem que para isso fosse necessário criar elementos de censura como Ato Institucional N. 5, o famoso AI-5, que cerceou por completo as liberdades de comunicação no país.

É nesse cenário de censura e cerceamento da liberdade de expressão que se encontra o nosso elemento de análise. Para auxiliar na construção de sentido do nosso objeto de estudo, entrevistamos o chargista Albert Piauhy que produziu tanto no jornal *O Dia*, como no jornal *O Estado*, e a partir dessa entrevista se somando a análise da charge, como também leituras auxiliares sobre a temática, tentaremos mostrar os elementos de censura nos jornais piauienses na década de 1970.

A partir de diversas leituras percebemos que no Brasil como um todo havia uma grande produção intelectual engajada contra o regime militar. Jornalistas, cartunistas, chargistas, se empenhavam na luta contra o regime, se utilizando de suas armas: sua produção intelectual. A partir do AI-5, foi necessário criar meios de fugir dessa censura, e um dos meios encontrados foi à produção em jornais alternativos.

Existiam vários jornais alternativos no Brasil no período, mas, sem dúvida, o mais famoso deles era *O Pasquim*, um jornal que segundo Albert Piauhy (2014) “[...] foi um jornal que uniu todos nós”, ou seja, era um jornal aglutinador de todos esses jornalistas que produziam nesse período. Nogueira (2013), em seu artigo *O Pasquim e o papel do humor na resistência contra a Ditadura Militar*, nos mostra que:

O projeto ficou nas mãos de Tarso de Castro, Jaguar, Ziraldo, Millôr Fernandes, Carlos Leonam, Prósperi, Claudius, Fortuna, Sérgio Cabral, Sérgio Augusto, Ivan Lessa, Paulo Francis, Fausto Wolff. Esse grupo crescia à medida que o humor irreverente do Pasquim conquistava o público e driblava a censura imposta pela ditadura a todos os meios de comunicação (NOGUEIRA, 2013: 1).

Esse “drible” da imprensa na censura também é relatado a nós na entrevista de Albert, havia na imprensa brasileira uma espécie “consciência em bloco”, chargistas, cartunistas não abriam mão de lutar contra o regime político vigente no país, mesmo com toda a censura, “a gente vivia num tempo sombrio, era muito sombria aquela época, e nós não podíamos falar as

coisas abertamente” (PIAUHY, 2014), existiam elementos de coerção muito forte no período do regime militar no Brasil.

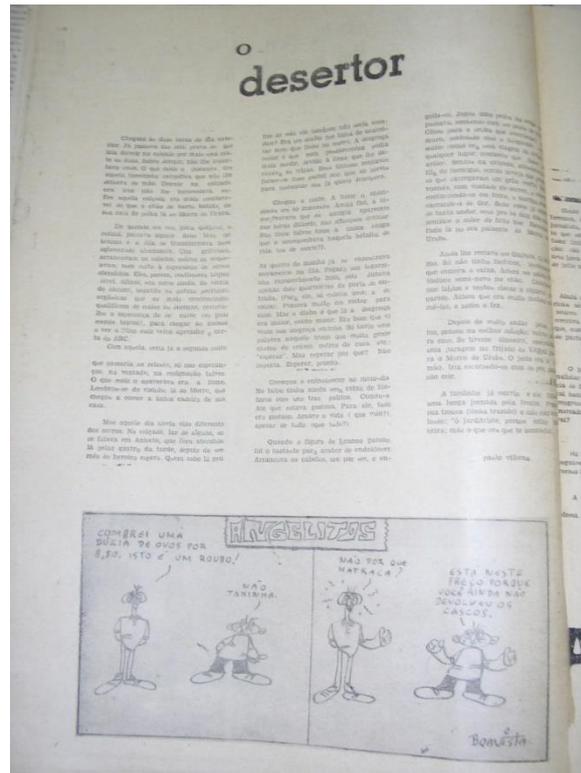
[...] Nos bares a gente falava as coisas muito sussurrando, por que na mesa que a gente estava poderia ter um espião do SMI, do DOPES da Polícia Federal ouvindo as nossas conversas e, quantas vezes eu não conversei coisas em um lugar e no outro dia fui chamado na Polícia Federal para poder prestar depoimento sobre o que eu disse, entendeu? Então, era assim, todos nós éramos vigiados, a universidade era vigiadíssima, os intelectuais, os artistas todos eram vigiados. [...]. Todos os chargistas eram contra o governo, todos, havia uma consciência em bloco entendeu? Todos os cartunistas eles combatiam mesmo a ditadura militar através da sua arma que era a charge o cartum (PIAUHY, 2014).

Nesse ponto da fala do Albert Piauhy, nós analisamos diversos fatores que pairavam sobre a classe intelectual, jornalística que era contrária ao regime militar, havia uma censura sistematizada que regulamentava a ação desses indivíduos. Contudo, percebemos que esses chargistas mesmo com a censura que lhes era imposta protestavam contra o Regime, e a charge, ou a cartum, se tornou “uma forma de resistência” (NOGUEIRA, 2013: 2).

Seu ponto forte, e sua principal arma contra a ditadura, era o humor. Através de cartuns, charges e matérias bem humoradas, *o Pasquim* conseguiu passar para o seu leitor mensagens que afrontavam a ordem vigente. *O Pasquim* faz parte do que podemos nomear jornalismo de resistência. Por vezes vítima da censura, por vezes conseguindo burlá-la, *o Pasquim* acabou tornando-se (não seria melhor: se transformando em?) um modelo de jornalismo alternativo que iria ser imitado por outros periódicos (NOGUEIRA, 2013: 2).

No Piauí, um dos primeiros jornais alternativos que tinha o espaço da charge, e conseqüentemente a crítica trazida por ela era o suplemento do jornal *O Estado*, chamado *O Estado Interessante*, suplemento esse onde Albert Piauhy produziu seus primeiros trabalhos como chargista na imprensa piauiense.

[...] Meu primeiro desenho, eu publiquei no jornal *O Estado*, num suplemento que *o Estado* tinha chamado *O Estado Interessante*. E, naquela época, eu havia saído da adolescência e gostava muito de jornal, de imprensa. Eu gostava muito de desenho, de humor porque eu já acompanhava o desenho de humor (PIAUHY, 2014).



**Imagem 1:** Página do jornal *O Estado Interessante*, suplemento do jornal *O Estado*.

É importante fazermos um paralelo mostrando a importância desses jornais alternativos, dando um enfoque especial para o *Pasquim*, porque além da contribuição dele no campo informativo, este jornal “era uma publicação semanal, teve uma tiragem inicial de 20 mil exemplares e chegou a atingir a marca de mais de 200 mil em seu auge, nos anos de 1970” (NOGUEIRA, 2013: 1) Tratava-se, de um instrumento que promovia tanto uma luta engajada contra o regime político brasileiro quanto uma revolução molecular, cuja produção de sentido micropolítica (GUATTARI; ROLNIK, 2014), tinha uma grande importância política, já que através do humor de suas charges *O Pasquim* “afrontava a ordem vigente”. Para além da importância no campo informativo e no campo político, esses jornais alternativos tiveram uma grande contribuição na formação de outros chargistas e cartunistas Brasil afora. O próprio Albert Piauhy deixa bem claro em sua entrevista que:

[...] eu já acompanhava o desenho de humor na revista *Cruzeiro*. A revista *Cruzeiro* tinha um time excelente de grandes humoristas, tinha Millôr Fernandes, Carlos Estevão, Péricles, Ziraldo, Alves Pinto, então, é, aquilo de certa maneira me influenciou depois viria *O Pasquim*, e *O Pasquim* tinha um time de primeira de cartunistas e tudo que eu queria ser na minha vida era jornalista e desenhar (PIAUHY, 2014).

Ou seja, os intelectuais que iriam se tornar os chargistas representantes do movimento contrários ao regime beberam, se influenciaram da produção desses outros chargistas e cartunistas nesses jornais alternativos.



**Imagem 2-** Charge produzida por Albert Piahy encontrada no Jornal *O Estado*, Página 9 – sábado – 10/02/1973.

Na presente charge analisamos o uso de uma tática de enfrentamento da censura por parte do chargista, na medida em que busca driblá-la através de artes de resistência que partem de seu lugar de fraco (CERTEAU, 2012) ante estruturas de poder como o regime político do Brasil e as práticas comportamentais vigentes. Aparentemente, a charge não parece criticar o regime militar e a truculência da PM, mas, sob uma análise mais cuidadosa do posicionamento do desenho, da frase utilizada pelo chargista percebemos elementos de críticas a PM, o posicionamento sério, sisudo, uma face de raiva e nervosismo, e a expressão “se eu pegar” e “jogo no xadrez” nos revela um caráter de crítica a polícia militar, mas isso é feito de uma forma muito sutil. “[...] a gente já sabia que nós não poderíamos fazer críticas direta ao governo, nós fazíamos isso com muita sutileza, a gente tinha uma noção do que deveria ou não deveria fazer, até onde a gente podia ir.” (PIAUHY, 2014).

Como já foi dito havia uma grande produção em jornais alternativos em todo o Brasil contra o regime político vigente no país. E se utilizando de elementos de interpretação subjetiva, o que servia como uma forma de fugir da censura imposta, o humor entra nessa

configuração com uma proposta de fazer uma contraposição direta ao medo causado pela censura. O “riso provocado” pela charge esconderia em seu interior um protesto contra questões políticas, econômicas e culturais, como esclarece Ferreira:

Diante da truculência cada vez maior da ditadura, gestou-se um sentimento de contraposição ao Estado em um setor da imprensa denominado como imprensa alternativa. No caso do jornal *O Pasquim*, criado em 1969 e principal representante dessa forma de imprensa durante esse período, houvera uma tendência especial em se trabalhar o humor, numa relação dialética que pode ser configurada no embate entre medo e humor. Enquanto o regime militar promoveu o estabelecimento de um estado de medo para suprimir atos de oposição, o humor foi utilizado pelo *Pasquim* como ferramenta de divulgação de um sentimento de descontentamento. (FERREIRA, 2009: 5).

Um fator importante de ser ressaltado é que diferente de outros chargistas de outros estados que produziam sua charge em jornais alternativos, Arnaldo Albuquerque e Albert Piauhy trabalhavam em jornais que faziam parte da imprensa “oficial”. No jornal *O Dia*, por exemplo, o dono do jornal era um coronel reformado.

[...] na década de 70 quando o Coronel Miranda compra o jornal *O Dia*, o Coronel Miranda era do exército, reformado e ele gostava muito de jornal cara, e o jornal dele foi o primeiro jornal a colocar regularmente, todos os dias o espaço das charges no jornal (PIAUHY, 2014).

Esse foi um fator preponderante, porque enquanto o jornal alternativo não tinha uma cobrança, uma censura mais reforçada por ser justamente um jornal alternativo esses chargistas piauienses tinha que se utilizar mais ainda da sutileza, da enganação para que suas charges fossem publicadas, mesmo em jornais de direita, conservadores, e governistas. Albert Piauhy e Arnaldo Albuquerque, entre outros intelectuais, faziam duras críticas ao regime político, claro que isso lhes causou vários problemas com a Polícia Federal, a censura não deixava passar uma crítica ao regime, mesmo quando a charge era publicada, depois eles tinham que se explicar para os censores da Polícia Federal.

[...] todos nós éramos opositores ao regime, todos os jornalistas que militavam em redação eram contra aquele sistema político entendeu? Não tinha ninguém que não fosse. O jornalista daquela época era um jornalista muito esclarecido, agora claro, eles eram jornalistas, o jornal era emprego o dele e então a gente encontrava meios, arroudeios e sutilezas para poder dizer às coisas que não podia dizer muito abertamente. A gente conseguia muito burlar, a gente conseguia muito enganar. (PIAUHY, 2014).

Na feitura do artigo, e na nossa pesquisa em geral, nos utilizamos de textos voltados à Análise do Discurso, como Foucault, como também na construção de sentido na prática discursiva no texto organizado pela Mary Jane Spink. A charge é um elemento de análise subjetiva e é carregada de múltiplos sentidos e discursos que permeiam seu interior, por inúmeros fatores, o lugar que foi feita, quem a fez, sobre quais condições essa charge foi publicada, questões essas já abordadas em outros trechos do presente artigo. “Por meio desse exercício, é possível perceber que focos diferentes produzem objetos distintos, irreduzíveis um ao outro. Não se trata, portanto, de observar a especificidade diante do global, nem de observar o global em detrimento da especificidade.” (SPINK, 1999:25).

Nessa análise é necessário se ter muito cuidado na interpretação que damos a charge, que é a partir das nossas interpretações que damos sentidos a produção intelectual do chargista, não podendo se esquecer de que o chargista era obrigado a se utilizar de sutilezas, de metáforas, do humor e do não dito para construir sua arte, sua charge e sua cartum. “A gente dizia uma coisa naquela charge, mas estava querendo dizer outra, a gente usava muito da metáfora, da sutileza” (PIAUHY, 2014).

### 3 Considerações finais

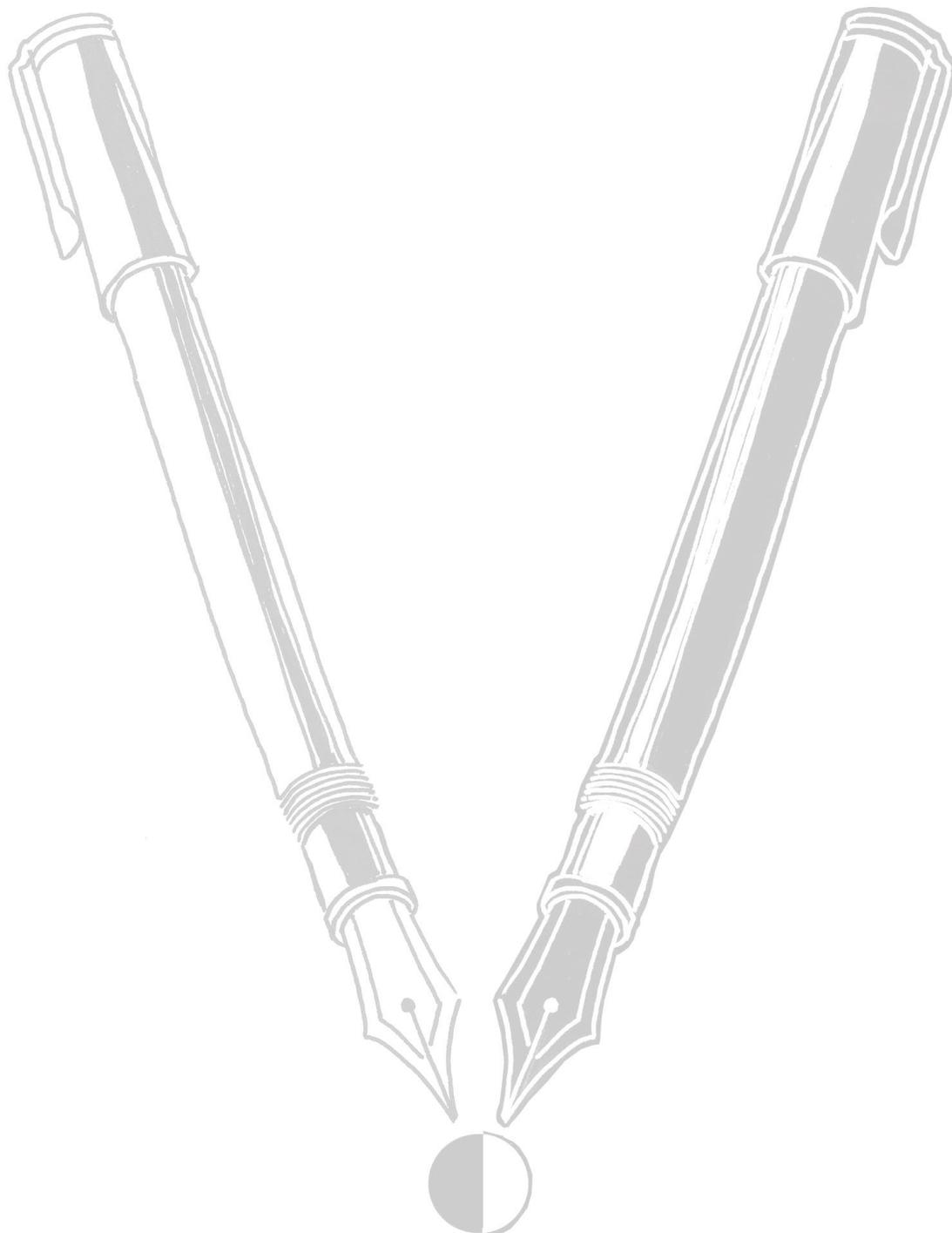
Entendemos que a análise de tais charges nos remete às novas perspectivas quando se trata do período da ditadura no Piauí, mostrando os diversos elementos culturais que se posicionaram contrários a ditadura em Teresina. As conclusões são provisórias, pois ainda é necessário aprofundar as nossas pesquisas e leituras já que ainda estamos no início de nossa caminhada enquanto pesquisadores.

Entendemos a necessidade dessa pesquisa já que não existe uma grande variedade de trabalhos falando sobre o papel desses chargistas na luta contra a ditadura militar no Piauí, e, para isso, temos uma grande variedade de fontes encontradas nos jornais presentes na Casa Anísio Brito, além da possibilidade de entrevistarmos sujeitos que fizeram parte desse fecundo momento histórico piauiense.

Recomenda-se a realização de pesquisas no arquivo para contribuir na construção do conhecimento histórico, para empreender políticas de conservação, digitalização e socialização de práticas, experiências de homens e mulheres em diferentes períodos da história, capturados nos documentos da Casa Anísio Brito.

Percebemos na realização da pesquisa para realização do presente artigo a carência de pesquisas na área de charge, de memória e como esses intelectuais se portaram no período da

ditadura militar no nosso estado, não que não tenham trabalhos, mas são poucos, trabalhos como esse que evidenciam a importância da imprensa, da charge, de todos esses elementos culturais para a propagação e conhecimento, como também para preencher essa lacuna na historiografia piauiense.



## REFERÊNCIAS

AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, imprensa, estado autoritário (1968-1978):** o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento. Bauru: Edusc, 1999.

CAVALCANTI, Erinaldo e Cabral, Geovanni. **A História e suas práticas de pesquisa:** relatos de pesquisa. Organizadores: Erinaldo Cavalcanti e Geovanni Cabral-Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** v. I. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2012.  
Charge produzida por Albert Piauhy encontrada no Jornal *O Estado*, Página 9 – sábado – 10/02/1973.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. In: **Projeto História**. São Paulo, n. 35, dez. 2007, p. 253-270.

DERRIDA, Jacques. **Mal do arquivo:** uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FERREIRA, Diógenes Arruda. **O humor como resistência ao controle social autoritário no Brasil pós-1964:** reflexões sobre a imprensa alternativa. Artigo disponível nos Anais do Simpósio Internacional Processo Civilizador. Civilização e contemporaneidade, Recife, 2013.

FERREIRA, Marieta de Moraes e Amado, Janaina. **Usos & Abusos da história Oral.** – 7. Ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 23. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica:** cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2014.

MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: FENELON, Déa et ali. **Muitas memórias, outras histórias.** São Paulo: Olho d'água, 2004, p.15.

NOGUEIRA, Natalia Aparecida da Silva. **O Pasquim e o Papel do Humor na Resistência Contra a Ditadura Militar.** Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2013. Trabalho apresentado à disciplina Resistência Política e Cultural na Ditadura Militar Brasileira, ministrada pela Professora Dra. Angélica Müller, no segundo semestre letivo do ano de 2013, do Mestrado em História do Brasil, Universidade Salgado de Oliveira, Niterói.

PIAUHY, Albert. Entrevista concedida a Jônatas Lincoln Rocha Franco. Parnaíba, 2014.

TAVEIRA, Caroline Gonçalves. VICENTE, Maximiliano Martin. **O exercício do jornalismo alternativo nos impressos Pasquim e Bunda.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Bauru, 2013.

SPINK, Mary Jane. (org.). **Práticas discursivas e práticas de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas.** São Paulo: Cortez, 1999.